



FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE, FRONTEIRAS DO CONSUMO: SOBRE JOVENS HOMOSSEXUAIS DO SUBÚRBIO DE SÃO PAULO

Hamilton Harley de Carvalho-Silva¹
Flávia Schilling²

Apresentação

Este artigo é um recorte da pesquisa sobre jovens homossexuais na cidade de São Paulo, seus trânsitos entre o subúrbio e as zonas nobres da cidade, que perfazem o circuito de diversão e sociabilidade gay (CARVALHO-SILVA, 2009). Nosso objetivo com a pesquisa foi esboçar um panorama sobre elementos que permeiam a questão da homossexualidade de jovens urbanos, moradores da cidade de São Paulo. Abordamos as facilidades e as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos, os percursos por eles realizados, bem como seus limites e estratégias, formas de inserção social e traços de sociabilidade construídos nos movimentos de circulação pela cidade e na interação com grupos homossexuais. Foram realizadas quatro entrevistas em profundidade, observações e descrição de espaços na cidade onde ocorre a cena gay, construção de mapas, análises dos discursos sobre a homossexualidade e quatro diários³ escritos pelos quatro jovens entrevistados. Buscou-se realizar uma investigação a partir do cotidiano desses jovens, evitando formulações generalizantes e abstratas. Privilegiou-se as interpretações que os próprios jovens estabeleceram sobre suas interações sociais, conflitos, barreiras e estratégias de superação das dificuldades encontradas em relação a sua sexualidade, aceitação, sociabilidade e interação em diferentes grupos. O trabalho aproxima-se a um ensaio de olhar encantado com as possibilidades da investigação num universo pouco definido, mas que ganhou forma com os estudos, análises e

¹ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. hamilton.harley@gmail.com.

² Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

³ Foi proposta para os entrevistados a construção de um “diário de bordo” que contivesse um “mapa” da Cidade e dos itinerários realizados por eles. Para tanto, após aceitar a tarefa, os jovens receberam um caderno de anotações e foram orientados para, além de usá-lo como um espaço livre de expressão, anotar suas apreciações sobre a cidade destacando os lugares de que gosta e não gosta, sensações vividas em espaços diferentes, descrição dos locais de lazer e sociabilidade, descrição das pessoas, dos costumes, das ruas, enfim, fazer relato de experiências durante um mês aproximadamente. Foram produzidos quatro diários que apresentam pontos de convergência sobre as percepções acerca da cidade, mesmo compondo modos bem distintos de escrita. A idéia dos diários surgiu a partir da leitura do texto *Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade* de Anne MacClintok (2003) que utilizou os diários produzidos por Hannah Cullwick como fonte primeira de análise. Vale lembrar que os jovens ficaram empolgados com esta proposta e que os diários revelaram elementos importantes do cotidiano de cada um.



descobertas sobre as sociabilidades vivenciadas por jovens homossexuais na cidade de São Paulo, sobretudo nas regiões centrais.

Aqui apresentaremos apenas um aspecto da pesquisa, o que diz respeito ao consumo como fator fundamental na sociabilidade de jovens homossexuais.

São Paulo, áreas nobres, o circuito da cena gay

Áreas da cidade de São Paulo reconhecidas pela circulação significativa de homossexuais ganharam novos desenhos na construção de uma chamada “cena gay” revelada, a partir dos anos 1990, num perímetro compreendido desde a Praça da República até as imediações do Bairro dos Jardins, a ter como via de continuidade e passagem ruas como a Frei Caneca e Augusta.

James Grenn (2000), ao traçar a história da homossexualidade no século XX no Brasil, destaca os grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, descrevendo os territórios de preferência dos homossexuais, localizados especialmente nas regiões centrais. Parte de seu trabalho é orientada para a observação da sorte de relações sociais que envolviam homossexuais masculinos na região do Vale no Anhangabaú, Praça da República e Largo do Arouche, apontando estes locais como um reduto gay em plena expansão em São Paulo. Embora o livro de Grenn não traga à tona questões mais particulares dos sujeitos e grupos observados, é um importante estudo histórico sobre os desafios e os movimentos espaciais que os homossexuais sofreram e realizaram no país.

Julio Assis Simões e Isadora Lins França (2005) ao descreverem os espaços de sociabilidade homossexual da cidade avançaram (com as observações dos grupos) nas descrições sobre a expansão dos *territórios gays* na capital paulista, apontando para os processos de territorialização, marcados por traços de distinção econômica entre os grupos. E é no ponto das distinções econômicas que nos deteremos um pouco mais.

Os lugares de sociabilidade gay não se distinguem apenas pela existência da bandeira LGBTTT⁴, expressando que homossexuais são bem-vindos. É possível verificar indícios que denunciam que o poder de consumo é definidor do perfil de seus frequentadores. Nesses lugares encontramos jovens em disputa, assimilando regras de um *jogo dentro-fora* desigual e buscando ser escalados para um dos times auto-intitulado de ganhador. No desenrolar deste jogo compartilham-se conjuntos (in)comuns de símbolos e de códigos que ligam seus participantes por identificações, aproximando e afastando grupos que se desenham a partir uma série de classificações que associam

⁴ Sigla utilizada para identificar todas as orientações sexuais consideradas minoritárias e manifestações de identidade de gênero. LGBTTT refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.



os sujeitos às diferentes características de afiliação de classe: cultura, consumo, gostos pessoais e escolhas particulares. A exibição do poder de consumo apresenta-se como elemento de juízo para regular as interações sociais e para modelar as personalidades que emergem. Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2008) os indivíduos se constroem como sujeitos através do consumo e da exibição de suas posses, em jogo recíproco que permite a subjetivação e a criação de identidades:

O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre ‘mantendo as opções abertas’”. (p.112-113)

Assim, os códigos de identificação (re)criados influenciam diferentes esferas (pessoais e espaciais) ao mesmo tempo em que são recodificados por elas mesmas e esboçam novos desenhos e contornos às relações sociais e espaciais numa constante modificação dos ambientes. Estes sofrem um processo de transformação conforme sua clientela, criando uma espécie de seleção natural dos tipos econômicos que ali poderão freqüentar. Ou seja, são criadas fronteiras (in)visíveis que se fecham e se abrem num controlar de acessos para este ou aquele sujeito. Nesse jogo, particularismos e uma falsa sensação de individualização se confundem com pensamentos e atitudes padronizadas.

O jogo assume diferentes regras em diferentes lugares. As proximidades do Bairro dos Jardins e da Avenida Paulista, assinaladas pelo alto padrão de serviços, lazer e estética, permitem aos homossexuais de alto poder aquisitivo exibirem suas posses numa vitrine que atrai um conjunto de jovens desejosos num cenário propício para o jogo de inclusão/exclusão ou de dentro/fora que faz com que a “cena gay”, aparentemente definida pela oposição central heteros/homossexuais, se revele heterogênea, diversa, múltipla, demarcando a partir do acesso ao consumo, as oposições sociais nesse grupo *pintado* de forma tão homogênea.

E quem vem do subúrbio?

Nos circuitos de sociabilidade homossexual não há apenas solidariedade por *afiliação de orientação sexual*, como poderia se pensar, mas também há forte exclusão decorrente da afiliação de classe e, conseqüentemente, dos lugares e situações de moradia. Para ter acesso aos espaços, torna-se necessário fazer uso do direito de consumir e de exibir a possibilidade de lazer e diversão numa cultura consumista, que afirma o sujeito como um indivíduo privado ou, no limite, como um objeto passível de ser observado e desejado por outros. A lógica é estabelecida a partir das condições que o sujeito tem de se tornar um *produto vendável* e assim *consumível*. Ser desejado e



alvo de bons comentários tornam-se uma meta no *jogo de dentro-fora* para sair da invisibilidade e atrair o olhar do outro. Assim, o que conseguir ser desejado poderá ganhar um ingresso para o um mundo antes sonhado.

Nesse sentido, a parcela dos jovens homossexuais que não gozam de emancipação financeira e/ ou que residem nos subúrbios está suscetível a toda sorte de deboches e constrangimentos. No vocabulário utilizado por alguns homossexuais aparecem termos e expressões acusatórias⁵, que classificam de maneira pejorativa os sujeitos, denunciando perfis a serem afastados e origem econômica indesejável. Mesmo quando o jovem pobre consegue forjar temporariamente sua condição a partir de disfarces visuais (dados por suas roupas e aparência), ser percebido nos espaços de sociabilidade gay como morador de regiões e bairros pobres e/ou violentos, poderá gerar uma série de acanhamentos. Os disfarces não podem ser completos, pois, como nos diz Bourdieu, existem maneiras de ser que denunciam a origem social mesmo quando os sujeitos conseguem ocupar por um dado momento patamares que os colocam em posição de igualdade frente ao volume de bens e propriedade:

Ao comparar as práticas de agentes que possuem as mesmas propriedades e ocupam a mesma posição social em determinado momento, mas separados por sua origem, a análise estatística realiza uma operação análoga à percepção comum que, em um grupo, identifica os novos-ricos ou os desclassificados, apoiando-se nos indícios sutis das maneiras de ser ou da postura em que se denuncia o efeito de condições de existência diferente da trajetória modal no grupo considerado. (2007, p.103-104)

Dizer onde mora pode ser suficiente para causar frustrações, medos, dor e sofrimento para quem busca afirmação, tolerância e afinidade. Um dos entrevistados ao contar sobre a construção de novas amizades e busca por parceiros, revelou que se esforça para manter uma “aparência desejável” aos homossexuais mais ricos: “[eu] falava que morava no Tatuapé, quando falava que morava no Itaim [Paulista], melava o esquema” (jovem K, 18 anos). Os estilos de vida celebrados por homossexuais de classes mais favorecidas, além dos referenciais de vestuário, lazer e diversão, pressupõem condições de moradia confortáveis em bairros nobres e de alto padrão construtivo e urbano, além de emancipação familiar e financeira.

Lembramos que as imagens de uma vida confortável e glamorosa são tematizadas pelas inúmeras propagandas difundidas nos circuitos gays da cidade. As mídias destinadas ao público LGBTTT, de maneira geral, exaltam padrões de beleza e características atreladas ao poder de

⁵ Expressões como “bicha pobre”, “bicha de Itaquera” [referência a um dos bairros da periferia de São Paulo], “bicha de lotação” [referência a um dos principais meios de transporte utilizados na periferia], “bicha poc poc”, “bicha pão com ovo” entre tantas outras que compõem os modismos das falas daqueles que pretendem marcar diferenças no campo dos gostos, atitudes e condições sociais e econômicas desfavoráveis.



compra e ao livre acesso (ao lazer, principalmente), esboçando o retrato dessa parcela da população como detentora de alto poder aquisitivo, como cheia de glamour, pois conectada com a elite da moda e o mundo do turismo.

Uma revista destinada ao público gay intitulada *DOM* – que significa: *De Outro Modo*, lançada em 2008 no Brasil, além de trazer tímidas informações sobre sociedade e saúde, traz densamente em suas páginas propagandas ostensivas das mais caras grifes de moda do mundo; anuncia ofertas de pacotes turísticos especiais com atendimento personalizado, sobretudo, para Europa; destaca as casas noturnas e restaurantes mais luxuosos da cidade de São Paulo; entrevista celebridades do mundo gay e afama a beleza e perfeição dos corpos desejáveis. Oferece, assim, elementos importantes para construção de personalidades ideais, ou melhor, da pessoa ideal.

Recentemente uma novela de um importante canal de televisão de abrangência nacional ofereceu ao público, sem qualquer distinção, o drama de um casal gay que enfrentava a dificuldade de explicitar sua relação matrimonial entre os colegas de trabalho por medo de ser obrigado a conviver com o preconceito e perder o emprego, mas que por outro lado gozava de um alto poder aquisitivo, sólida formação acadêmica, exibindo seu referencial de beleza e padrões estéticos globalizados. Recorrendo à memória podemos lembrar uma vasta lista de filmes hollywoodianos, que quando não tratam do drama da AIDS que *assombra* a homossexualidade ou de uma “degradante” e “violenta” relação com a prostituição em sua maioria com finais trágicos, envolvem a homossexualidade numa embalagem glamorosa que desperta sonhos e desejos comuns.

O dia estava frio e havia muita gente bonita. Nossa, se eu tivesse a beleza aos padrões que a mídia coloca eu sairia beijando todo mundo, rs... Quem dera, mas realmente as pessoas são belas e a cidade maravilhosa. A vida é bela e o paraíso é um comprimido. (diário de G)

Os traços de distinção econômica entre os grupos de homossexuais não se dão apenas pelos territórios ocupados e freqüentados. Nestes, podemos perceber a celebração de estilos de vida que tem o poder de consumo como regulador de acessos e marcador de diferenças que formam novas fronteiras para aqueles que não dispõem de condições econômicas favoráveis à constituição de modos de vida exaltados por aqueles que gozam de padrões elevados de renda.

Essas fronteiras por sua vez não se configuram como uma barreira intransponível na medida em que existem estratégias para sua transposição, mas não existem para sua superação (ao menos neste momento). A fronteira econômica serve como uma redoma protetora daqueles que buscam distanciamento dos homossexuais mais pobres, conferindo uma falsa solidariedade entre aqueles que pertencem a camadas mais privilegiadas dessa população. Entretanto, essas fronteiras, para usar o termo de Canclini (2003), são “porosas”, ou seja, apresentam brechas e irregularidades



que permitem que os de fora, numa combinação de estratégias e desejos, possam, por um curto período de tempo, participar dos jogos de sedução e aproximação dos de dentro. A porosidade dessas fronteiras possibilita uma passagem para aqueles que abrem mão de alguma solidez em suas identidades transformando-se em *seres líquidos* e adaptáveis às novas condições. Tornar-se um líquido pouco denso, afastando momentaneamente traços da personalidade que possam denunciar um passado-presente pobre, permite que os jovens homossexuais “do lado de fora” da redoma encontrem formas de participar dos jogos estratégicos de afiliação produzidos pelos homossexuais.

As condições de afiliação ao grupo de homossexuais que celebram padrões de vida sofisticados pressupõem, num primeiro momento, entre outras coisas, regras de conduta que tem como forte característica modos de diversão conectados com padrões globalizados de fruição do tempo livre e modos de vestir conectados com padrões e tendências anunciados pela indústria de moda e estilos. Nesse sentido, os sujeitos poderão ser interpretados e assim classificados pelas roupas que usam e pelos lugares que freqüentam.

Há na expressão de *homossexualidades*, como resultado da organização econômica e social das sociedades capitalistas ocidentais, uma produção de idéias e sonhos comuns que são consumidos por diferentes segmentos, mas que escamoteiam desigualdades entre ricos e pobres, de padrões de consumo e de mobilidade social e espacial. Desse modo, a possibilidade de sustentação de determinados padrões de consumo define o tipo de acesso que cada sujeito terá aos bens e serviços ofertados aos homossexuais. Alguns bares e casas noturnas, além de fazerem restrições a alguns tipos de vestuário, cobram ingressos considerados caros para grande parte da população. Nesse sentido, frequentar este ou aquele lugar também poderá definir quais as possibilidades de assertivas sexuais e relações de sociabilidade que serão estabelecidas entre gays, tanto entre os de fora com os de dentro, quanto os de fora e os de dentro entre si. A capacidade de consumo aparece como um critério importante na definição dos tipos de relações sociais estabelecidas entre homossexuais, relações de aproximação ou “evitação”. Um dos jovens entrevistados, de maneira objetiva, apontou em uma de suas falas o recurso financeiro disponível como determinante na escolha do local de lazer e diversão, revelando como o dinheiro expresso nos modos e na aparência poderá ser definidor das possibilidades de acesso e interação entre os sujeitos: “Não tem como se divertir sem grana, ainda mais no mundo gay que o que vale é a grana e a roupa que você veste. (...) depende de quanto eu tenho eu escolho a diversão” (jovem P, 21 anos).

Ao perceber que uma das regras de afiliação é dada pela aparência, os jovens homossexuais mais pobres buscam alternativas para esconder sua condição econômica e aumentar suas



possibilidades de sucesso na travessia de uma das fronteiras. Compreendem que uma das regras do jogo é assumir uma plasticidade que lhes confira certa “hibridação” a partir da qual não tenham sua imagem imediatamente associada a baixas condições financeiras. Ter a condição social ofuscada pelo uso de roupas caras, por um momento marcado pelo tempo e espaço – período em que compartilha a diversão em bares ou casas noturnas freqüentadas por homossexuais mais endinheirados e, sobretudo, nas ruas – permite que esses jovens arrisquem novas interações afastando temporariamente o fantasma da discriminação.

O mundo gay tem uma relação estética muito forte. O cara pode estar fodido, mas quer estar numa estética, cabelo cortadinho... Mas eu me vejo destoante. Não tenho grande vaidade. E daí você percebe que as pessoas te olham mais de uma vez. Existe uma discriminação. O pessoal às vezes olha estranho. (...) você não precisa ser rico e poderoso, importa o que você parece. Ninguém se importa em quantas vezes você pagou a calça da Diesel. Importa que você tem uma.” (jovem P, 21 anos)

Atravessar uma das fronteiras ostentando determinado vestuário cultuado aumenta as chances de interação dos jovens homossexuais mais pobres ou iniciantes com os mais “descolados”, mas também coloca o sujeito frente a outros dilemas. Para manter ou forjar esta aparência aceitável será necessário realizar um esforço de acumular os poucos recursos financeiros, o que não será possível a todos, para aquisição de novas indumentárias, muitas vezes sem sentido, para evitar as humilhações sociais e as possíveis ridicularizações: “[eu] tinha que descolar dinheiro para comprar roupa de marca para não parecer que vinha da favela. Caso saísse de qualquer jeito iriam logo perguntar: o que você está fazendo aqui?”. (jovem K, 21 anos)

Dispor de algumas peças do vestuário da moda poderá ser uma estratégia eficaz nas tentativas de aproximação e transposição de algumas fronteiras, mas apenas numa relação superficial e de curto prazo, dado que na tentativa de estabelecimento de relações mais duradouras o jovem poderá sofrer novos constrangimentos ao ter sua condição econômica revelada. O estabelecimento de relações mais intensas entre os sujeitos, além dos códigos de aparência, poderá exigir a combinação de padrões de consumo de lazer e de diversão que não poderão ser sustentados por jovens homossexuais mais pobres. Em referência à aparência, a fugacidade dos modismos, característica das *sociedades líquido-modernas*, exige uma corrida contra os novos tempos no qual o produto consumido se torna obsoleto logo após sair da vitrine e deverá, assim, ser substituído por outro ainda mais novo.

Nessa corrida, os jovens homossexuais mais pobres estão em desvantagem, pois ao correrem atrás de subterfúgios que lhe confirmam alguma igualdade de participação na solidariedade dos de dentro, como o uso de roupas caras, quando alcançam este objetivo já será demasiadamente tarde, uma vez que os modelos já foram substituídos. Assim, um dos critérios de seleção estabelecidos



pelos de dentro para a afiliação de novos membros é o poder de mudar com constância e rapidez, estando-se sempre conectados com novas ondas. Aquele que não tem condições de chegar junto aos novos pontos dessa corrida é considerado obsoleto e, portanto, não desejável. A impossibilidade de consumir com a mesma rapidez exigida poderá ser fator determinante na exclusão e discriminação de uma parcela dos jovens homossexuais.

Os de dentro, nessa lógica, são os que obtiveram êxito tornando-se espécie de mercadorias. Foram bem sucedidos por uma infinidade de fatores e agora possuem o mérito de pertencer ao grupo seletivo e contribuir para os arranjos de novas regras e de participar da seleção/ exclusão dos que neste grupo pretendem entrar. Os de dentro desejam os outros que também se apresentam como mercadorias desejáveis e visíveis num compartilhamento de códigos comuns. Os de fora, por sua vez, continuam travando uma luta estratégica, travestindo-se dessas mercadorias, sendo algumas vezes exitosos, na tentativa de articular as regras do jogo a seu favor para que em algum momento possam ganhar uma etiqueta que lhes confira valor e status. Despertar o desejo no outro, forjando uma identidade fluida para se tornar algo desejável, é um dos passos para se conseguir um visto de entrada a ser apresentado aos agentes de imigração do mundo dos sonhos. Nessa jogada ser sujeito é ser objeto.

Os jovens que, ao articularem suas estratégias conseguiram o passaporte carimbado aproximando-se dos de dentro, desenham novas estratificações de grupo. Ao conseguirem atravessar a fronteira porosa, mesmo que uma única vez ao mês, ganham status de mercadoria de segunda classe que lhes confere certa vantagem frente aqueles que ainda estão na disputa por um lugar no jogo ou que iniciaram na corrida agora. As travessias que os colocam temporária e superficialmente, pelo menos na visão dos iniciantes, no patamar dos de dentro não significa fim de jogo e nem afasta o esforço de forjar novas estratégias. Os que ocupam esta posição itinerante logo terão que assimilar outras regras a fim de aumentar e fortalecer as possibilidades de engajamento com os verdadeiramente de dentro e assim permitir que avancem mais uma casa do tabuleiro da vida.

Os superficialmente de dentro deverão incorporar os mecanismos de inclusão e exclusão afastando os que tentam atravessar a fronteira. Ser solidário com aqueles que desejam atravessar a fronteira poderá depor contra aquele que após tanto esforço conseguiu se aproximar dos de dentro. Qualquer vacilo poderá diminuir as chances de êxito na aproximação e estabelecimento de novas relações sociais com os de dentro. Nesse sentido, o jovem que conseguiu atravessar a primeira etapa da fronteira é absorvido pelas regras e passa a excluir os outros porque uma das regras de afiliação é



excluir. Criam uma política de vida individual e reproduzem a lógica do jogo onde quem não conseguir êxito poderá ficar fadado à depressão e à exclusão.

O desempenho individual é avaliado e a falha só poderá ser atribuída ao indivíduo. Assim como a mercadoria é avaliada individualmente por sua aparência, status e funcionalidade e consumida apenas se atender aos desejos de seus consumidores, os jovens que se aventuram a novas relações de sociabilidade são avaliados. Suas falhas não poderão ser delegadas a nenhum sistema maior. Quem alcança sucesso – ou não – é o sujeito individualmente e a regra é investir na afiliação social de si próprio.

Na mediada em que jovens homossexuais de classes desfavorecidas, na busca de espaços mais tolerantes frente a sua sexualidade, são discriminados por sua condição econômica e obrigados a vencer e a transpor os abismos e muros sociais, articulam estratégias de sobrevivência. Porém, a opressão econômica vivenciada nos perímetros gays não resulta, necessariamente, numa ação coletiva de mudança e incorporação de novos membros. Assim, o jovem homossexual de camadas populares poderá ser obrigado a mediar os conflitos vividos de forma individual, muitas vezes realizando mobilizações particulares.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

BOURDIEU, Pierre. O espaço social e suas transformações. In: BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007

CANCLINI, Néstor García. *Noticias recientes sobre La hibridación*. Revista transcultural de música, México, 2003. Disponível em <<http://www.sibetrans.com/trans/trans7/canclini.htm>>. Acesso em: 09/05/08

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. *Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: deslocamentos e fronteiras*. Dissertação de Mestrado; orientação Flávia Inês Schilling. São Paulo: s.n., 2009. 162 p. il., fotos. mapas.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade*. Cad. Pagu. 2003, no. 20, p. 7-85

SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (org). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005